



Canal Energia – 06/ago/2003

Investidores e geradores defendem variação cambial no novo índice

Para presidentes da CBIEE e da Abrage, indexador de contratos que será construído pelo governo pode gerar incertezas perante financiadores

Oldon Machado, de São Paulo, Negócios
06/08/2003

Assim como os bancos estrangeiros, que defenderam a dolarização dos índices de correção no setor, agentes da área de energia também sugerem que a concepção do novo indexador dos contratos entre geradoras e distribuidoras leve em conta os reflexos da variação cambial. A mudança do IGP-M para um índice específico do setor foi confirmada pelo governo na proposta de novo modelo do setor elétrico.

Na opinião de Cláudio Sales, presidente da CBIEE (Câmara Brasileira de Investidores de Energia Elétrica), a proposição de um novo índice poderá trazer problemas de concepção, e estará sujeito à influência dos agentes e do governo. Ao passo que um indexador universal estaria blindado a efeitos e causas específicas do setor, que podem refletir negativamente ao invés de otimizar os reajustes contratuais.

O representante das empresas investidoras afirma ainda que a decisão dificultará a abertura de novas linhas de financiamento por bancos privados e estatais. O motivo seria a ausência de um histórico, de uma performance de correção dos aportes pelo índice setorial. "Financiamentos são baseados em taxas de retorno. Se o IGP-M foi o escolhido no passado, é porque verificou-se que seria o mais adequado para a atividade do setor" avalia.

Sales reconheceu, entretanto, que o IGP-M é fortemente impactado pela variação do dólar, afetando as tarifas do consumidor final, mas argumentou que o setor elétrico também possui uma participação grande de elementos vinculados à moeda norte-americana. Preocupação quanto à construção do novo índice também foi apresentada pelo presidente da Abrage (Associação Brasileira das Empresas Geradoras de Energia Elétrica), Flávio Neiva.

"Tenho um certo receio de que este novo índice possa não refletir, ao longo do tempo, a realidade do setor. E isso acaba gerando muita desconfiança e temor por parte dos investidores e dos financiadores", explica Neiva. Entre os fatores que, segundo ele, devem estar incluídos na cesta de itens do índice estão custos de capital, das indústrias de equipamentos e materiais, e o comportamento da inflação, além da variação da moeda estrangeira.